

IN ALTVM

REVISTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DA FATEO

ARTIGO

A escatologia e a vivência cristã em 1Pd 4,7

Eschatology and Christian living in 1Pt 4:7

Francilaide Queiroz Ronsi¹

[Orcid: 0000-0003-4346-0472](https://orcid.org/0000-0003-4346-0472)

[email: francilaide@puc-rio.br](mailto:francilaide@puc-rio.br)

André Pereira Lima²

[Orcid: 0000-0001-7787-6834](https://orcid.org/0000-0001-7787-6834)

[e-mail: padreandrelima@gmail.com](mailto:padreandrelima@gmail.com)

Resumo: A expectativa da vinda definitiva de Jesus, tanto para a Igreja primitiva quanto para os cristãos de hoje, tem uma relevância escatológica. Pois, nesta esperança, há uma promessa de salvação que carrega uma espera breve para a consumação de todas as coisas. A conduta cristã, imbuída deste sentimento de brevidade, é corroborada por uma práxis unida à espiritualidade e à mística. Ao saber que o tema da escatologia no NT sofre influência do ambiente judaico, no contexto neotestamentário, a referência a Jesus

¹ Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Pós-Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora e Professora do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

² Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

ressuscitado é o marco histórico e meta-histórico que faz o fiel voltar-se ao seu passado na experiência batismal, mas também projetando-o ao futuro em uma outra dinâmica (já-ainda não). O presente estudo investiga a articulação da espiritualidade e da mística, mediante a esperança, frente às tribulações do tempo, ao ter como base o texto de 1Pd 4,7. As etapas desta pesquisa, que parte da investigação bibliográfica, passam pelo levantamento de um visão geral da escatologia nos Testamentos (AT e NT), a verificação do vocábulo “τελος/*fin*” na escatologia, a espiritualidade da vida cristã em vista do “τελος/*fin*” em 1Pd 4,7, a mística na conduta cristã em 1Pd 4,7, seguida de uma síntese da vida cristã em 1Pd 4,7.

Palavras-chave: Espiritualidade, Esperança, Escatologia, Fim, 1Pd 4,7..

Abstract: The expectation of the definitive coming of Jesus, both for the early Church and for Christians today, has an eschatological relevance. For, in this hope, there is a promise of salvation that carries a brief wait for the consummation of all things. Christian conduct, imbued with this feeling of brevity, is corroborated by a praxis united with spirituality and mysticism. Knowing that the theme of eschatology in the NT is influenced by the Jewish environment, in the New Testament context, the reference to the resurrected Jesus is the historical and meta-historical landmark that makes the believer return to his past in the baptismal experience, but also projects it into the future in another dynamic (already-not-yet). The present study investigates the articulation of spirituality and mysticism, through hope, in the face of the tribulations of time, based on the text of 1 Peter 4:7. The stages of this research, which start from bibliographical research, involve the survey of a general overview of eschatology in the Testaments (OT and NT), the verification of the word “τελος/*end*” in eschatology, the spirituality of Christian life in view of the “τελος/*end*” in 1Pt 4,7, the mysticism in Christian conduct in 1Pt 4,7, followed by a synthesis of Christian life in 1Pt 4,7.

Keywords: Spirituality, Hope, Eschatology, End, 1Pt 4:7.

INTRODUÇÃO

A vida cristã na atualidade não se distancia, em suas peculiaridades, daquilo que se propõe o escrito petrino, especificamente, 1Pd 4,7, respeitando as características do tempo atual. A complexidade dos tempos pós-modernos em seus elementos e a quebra de paradigmas (valores, ideologias) geram um grande debate sobre a conduta cristã e para onde ela está direcionada. Dentro de um contexto de implementação (1Pd 4,7), o fim torna-se o advento da salvação plena. Desta esperança, surge a palavra escatologia no ambiente cristão, que tem seu significado como fruto de um processo de construção da escatologia judaica desde o séc. II a.C.

A atuação de Jesus transforma a antiga concepção escatológica em uma outra dinâmica, articulando o presente e o futuro (já-ainda não). Em vista disso, proporciona-se, já no presente, uma vida nova, com uma perspectiva universal, face à desnacionalização da escatologia judaica. A espiritualidade cristã precisa ser um adequar-se à vida de Cristo, por ser Ele o messias que abre, na dimensão do Reino de Deus, uma conduta nova, no amor, à espera da consumação futura. Ao partir do marco escatológico, entendendo, assim, a ressurreição de Jesus, os cristãos são resgatados do pecado. A transitoriedade da existência humana toca a esperança de um tempo futuro, projetando-a para uma herança incorruptível. A expressão petrina “o fim de todas as coisas aproxima” (1Pd 4,7) remete, ao mesmo tempo, a um momento de espera na restauração/salvação, que é iminente.

A compreensão de que é preciso passar pelas tribulações, aceitando-as de bom agrado e paciência, faz emergir uma ética cristã com um olhar esperançoso, gerando, similarmente, uma nova visão da vida presente. A expectativa da vinda definitiva de Jesus, tanto para a Igreja primitiva quanto para os cristãos de hoje, além de possuir um realce escatológico, tem, ainda, uma ênfase na conduta atual cristã, corroborando com uma práxis unida à espiritualidade e à mística. A referência a Jesus ressuscitado é, ao mesmo tempo, o limite histórico e meta-histórico que faz o cristão ter um passado, pela experiência batismal, mas também um futuro, diante da esperança do retorno definitivo do Senhor.

1. VISÃO GERAL DA ESCATOLOGIA NO CONTEXTO BÍBLICO

O realce escatológico dentro do escopo bíblico, com o passar do tempo, sofre diversas interpretações e abordagens. No desenvolvimento dessa compreensão, começa-se a perceber uma proposta de salvação que acontecerá com brevidade. Com isto, surge a ênfase na conduta cristã, corroborando com uma práxis unida à espiritualidade e à mística diante da espera de tal salvação. Em vista disto, cabe perceber quais são os elementos que compõem o conceito de escatologia e suas relações na Escritura (AT e NT).

1.1. Visão geral dos elementos característicos da escatologia (AT)

É possível afirmar ao menos três situações sobre a escatologia no AT³: 1) o vocábulo, como adotado na literatura veterotestamentária, é datado somente no séc. XIX; 2) a palavra ganha diferentes sentidos; e 3) o termo repercute vagamente como arcaico na atualidade. Isto decorre porque não há um consenso quanto a referenciar um fim dos tempos ou do mundo nos escritos proféticos ou nos escritos em geral do AT, em virtude de Israel apresentar uma outra noção do que significa o próprio tempo. Na compreensão judaica, o tempo não consiste em um percurso temporal linear de extensão infinita com um término⁴, em um formato temporal abstrato distante ou independente dos acontecimentos da vida quotidiana do povo. Em vista disso, é comum encontrar no AT vocábulos para caracterizar a dimensão escatológica (morada dos mortos; infernos; xeol; céu; tártaro; julgamento entre outros).⁵

No pensamento judaico, identicamente, todo acontecimento relaciona-se com o tempo. Por outro lado, Kittel⁶ declara que a determinação de uma esperança vinculada no tempo está relacionada ao vocábulo “*γῆ/ fim*”. Este verbete, segundo Wagner⁷, detém uma ocorrência dispersa de 67 vezes no AT. Em uma visão geral⁸, no Pentateuco (10 vezes), em Josué-2Reis (6), Profetas (20) e Livros Históricos (31). Cabe destacar, também, que Am 8,2 consiste na primeira ocorrência veterotestamentária com um conceito de fim na acepção de tempo final.

³ PETERSON, D. L., *Eschatology*, p. 2582.

⁴ VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 535-536.

⁵ NELIS, J. T.; LACOQUE, A., *Escatologia*, p. 448.

⁶ KITTEL, G., *ἔσχατος*, vol. III, p. 999.

⁷ WAGNER, M., *γῆ*, p. 593-596.

⁸ TALMON, Sh., *γῆ*, p. 1043.

Na Septuaginta, com casos isolados e com uma ocorrência de 150 vezes⁹, destacam-se Dt 28,49; Is 48, 20; Jr 6,2 que trazem o vocábulo ἔσχατον em um sentido temporal, tendo a interpretação de último, resultado ou fim. Além disto, é possível ver o termo “גַּר/ *fin*” na LXX, com a noção de tempo, segundo Talmon¹⁰, por meio dos vocábulos πέρας (17 vezes), συντέλεια (17), χαιρός (8), τέλος (7) e ἔσχατος (1). Além disto, segundo o mesmo autor, na Vulgata é habitualmente traduzido por *finis*. O termo “דִּי/ *dia*” também assinala tempo, porém de um evento no dia (Gn 39,11; Jr 36,2). É interessante lembrar que os verbos no hebraico manifestam a qualidade da ação, em primeiro lugar e não a sua dimensão temporal, apesar desta não se fazer ausente¹¹.

A partir dessas informações sobre o conceito de tempo, na escatologia, destaca-se, similarmente, a concepção da esperança. Ela é pontuada, dentro do contexto do judaísmo, pela mediação do Deus de Israel. Brueggmann¹² observa em quatro pontos esta esperança escatológica que permeia o AT, quais sejam: 1) a possibilidade de existir um agente humano fiel à YHWH e à sua promessa, gerando condições da constituição de uma expectativa de um messias que cumpre a promessa de Deus; 2) o messias que faz a mediação em nome de Deus, no tempo e na história, sendo a base da esperança escatológica; 3) este messias exercerá poder político publicamente a fim de reformar e restabelecer a comunidade com justiça que vem de Deus; e 4) tal pessoa precisa ser um herdeiro do rei Davi.

⁹ VERBRUGGE, V. D., Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 231.

¹⁰ TALMON, Sh., גַּר, p. 1044.

¹¹ LIMA, M. L. C., Escatologia profética, p. 56.

¹² BRUEGGEMANN, W., Teologia do Antigo Testamento, p. 800.

Ao situar melhor a esperança escatológica, cabe neste momento encontrar as fontes veterotestamentárias. Conforme Peterson¹³ são: 1) tradições de promessas patriarcais; 2) tradição de Davi-Sião; e 3) tradições da Aliança no Sinai. Quanto ao primeiro, debate-se em termos gerais sobre a promessa da terra (Gn 15,18-20) e o conceito de progenitura (ser uma nação no futuro). No segundo, é o foco dado na linha davídica e sua cidade (Sião-Jerusalém) e a monarquia (2Sm 7). E no terceiro, a Aliança no Sinai não se relaciona com os patriarcas ou com a complexa tradição monárquica. Isto porque a ideia de uma Aliança engloba a noção de conformidade ou não com o futuro que abrange a existência da bênção ou maldição em relação com Deus e seu povo (Dt 28,1-14). A partir destas fontes, Gowan¹⁴, dentro do contexto das esperanças escatológicas, percebe quatro importantes elementos que elucidam o tema da escatologia no AT, a saber: 1) o mundo atual está corrompido; 2) ele precisa de uma mudança futura significativa; 3) tem uma espera que está em modificação que vai acontecer naquele dia, sendo determinado por YHWH; e 4) a mudança deve suceder pelo agir de Deus e não do ser humano.

O “dia do YHWH” torna-se um item central das escatologias proféticas¹⁵. Contudo, antes desse dia chegar, na perspectiva do conceito de escatologia, tem-se um período presente e futuro, sendo como um fim próximo e um novo começo¹⁶. A noção que no futuro ocorre uma batalha, uma intervenção guerreira de YHWH, gera a possibilidade de afetar todos os povos e até o cosmos. É somente com o desenvolvimento da compreensão

¹³ PETERSON, D. L., *Eschatology*, p. 2583-2588.

¹⁴ GOWEN, D. E., *Eschatology in the Old Testament*, p. 2 *apud* LIMA, M. L. C., *Escatologia profética*, p. 51-52.

¹⁵ VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 553.

¹⁶ LIMA, M. L. C., *Escatologia profética*, p. 35.

do que é iminente, é que pode tornar-se uma expectativa de futuro cheia de esperança de uma nova Jerusalém (Tb 13,9) ou mesmo da vinda de um messias (Sl 18(17)).¹⁷

A esperança escatológica na mensagem profética são inclusões que permeiam uma piedade legalista e conservadora para Von Rad¹⁸. Isto porque, em uma visão geral veterotestamentária, tal esperança é estranha de se imaginar como sendo uma expectativa para tempos futuros. Em vista disto, o autor destaca que é pela apocalíptica que a expectativa religiosa escatológica desvenda-se com seus elementos determinantes. É indicado que a expectativa escatológica é muito dependente da noção do reinado divino de YHWH e de suas regras, visto que há uma esperança de que Deus venha de novo e aja decisivamente. Pode-se dizer, assim, que “a escatologia é para a história o que o cumprimento é para a profecia: sua justificação e ao mesmo tempo o seu sentido”¹⁹.

A literatura apocalíptica mostra um caráter provisório da realidade, contendo vários elementos alusivos ao fim dos dias (Dn 2,28.45; 2Esd 6,34) como demonstra Verbrugge²⁰. Em virtude disso, essa literatura distancia-se da expectativa original dos profetas por ter um caráter mais acessível ao futuro. Todavia, na perspectiva apocalíptica (Dn 2,3-45), o fim do mundo é o início do tempo vindouro. Além do mais, é possível subdividir essa literatura em duas etapas²¹: uma primitiva (Is 24–27; Zc 9–14; Jl 3–4) e uma desenvolvida (Dn 7–12). Ambas envolvem uma noção de um tempo momentâneo durante a ação decisiva de Deus de criar o futuro tempo de prosperidade de Israel.

¹⁷ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p. 723.

¹⁸ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p. 723.

¹⁹ EICHRODT, W., Teologia do Antigo Testamento, p. 345.

²⁰ VERBRUGGE, V. D., Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 231.

²¹ PETERSON, D. L., Eschatology, p. 2582.

1.2. Visão geral dos elementos característicos da escatologia (NT)

Com o anúncio de Jesus sobre o Reino e de sua proximidade surgem alguns pontos²², que se destacam: 1) a existência da esperança messiânico-política como origem do conceito do Reino de Deus e de suas implicações libertadoras; 2) devido ao pecado de Israel, a esperança rabínica atribui a existência de um distanciamento do Reino ou o fato dele estar oculto; 3) a esperança apocalíptica, por meio dos Sinóticos, tem a irrupção do Reino dependente da presença de Jesus, sendo uma dádiva divina e não um comportamento ético. Além do mais, o Reino surge no presente (Lc 17,20) e não quando passar a última era. Sem dúvida, isto ocorre pela diferença que acontece com a ressurreição de Jesus. As afirmações importantes na teologia neotestamentária, ao levar em conta os fatos anteriores, apresentam que além deles e mais a efusão do Espírito Santo possuem um caráter escatológico²³.

A escatologia cristã tem algumas características²⁴ que são, na verdade, enraizadas em elementos judaicos, quais sejam: a existência da pessoa do messias, uma figura escatológica, visto como agente de Deus²⁵; um combate mítico, como se vê em Ap 12,9, com os aliados de satã por meio da figura do grande dragão, da serpente antiga, e satã que é o grande enganador do mundo, de um lado, e os anjos que combatem o mal pelo poder de YHWH; a existência do paraíso o qual é considerado uma região celeste (2Cor 12,2); a árvore da vida (Gn 2,9) como símbolo recorrente ao acesso à vida nova (Ap 2,7;

²² NOCKE, F. -J., Escatologia, p. 345.

²³ DUNN, J. D. G., Teologia do Novo Testamento, p. 123.

²⁴ AUNE, D. E., Early Christian Eschatology, p. 2613-2614.

²⁵ STUCKENBRUCK, L. T., Messianic ideas in the Apocalyptic and related literature of early Judaism, p. 92.

22,2); por fim, a desnacionalização da escatologia judaica, sendo a possibilidade de diversos grupos (gregos e judeus) serem membros de uma Igreja (1Cor 10,32).

É possível falar de uma escatologia de Jesus? Apesar de todo o debate em torno do Jesus histórico e de seus ensinamentos, surgem duas linhas de pesquisa²⁶: a visão de Jesus do futuro (perspectiva escatológica) e a compreensão de Jesus do seu papel em uma escatologia geral. Por sua vez, é importante destacar que a dimensão escatológica²⁷ é parte central do ministério de Jesus, pois, por seus atos, é compartilhada a crença de que Deus intervém na história e emite seu julgamento somente no futuro. O Reino de Deus, dentro da estrutura do ensinamento e da pregação de Jesus, é, ao mesmo tempo, uma realidade futura e iminente (Mt 4,17; 10,7; Mc 1,15; Lc 10,9.11), mas já consiste em sua atuação (Lc 11,20; Mt 12,28). Cabe dizer, também, que a escatologia e a ética nos ensinamentos de Jesus são relacionadas e possuem uma profundidade importante para a relação da vida presente.

O Reino de Deus, nos sinóticos, é proclamado por meio de parábolas. É possível afirmar que as “parábolas sobre o reino de Deus estão perpassadas por uma dimensão escatológica”²⁸. Dentro da mensagem das parábolas de Jesus, há a exposição do sofrimento como revelação da glória do Filho do Homem, bem como o uso de imagens para tratar da consumação em que Deus vai ser adorado no novo templo (Mc 14,62), de que o mal será vencido (Mc 13,2), a culpa será perdoada (Mt 6,14), Deus dará a retribuição (Lc 14,14) e a comunidade será glorificada (Lc 17,27.29)²⁹. Algo que reafirma a

²⁶ AUNE, D. E., *Early Christian Eschatology*, p. 2615.

²⁷ OLIVEIRA, R. A., *Escatologia cristã e práxis*, p. 265.

²⁸ *Ibid.*

²⁹ JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, p. 218-221.

presença nas parábolas sobre o Reino é a ação salvífica de Deus, o juízo e, claro, todo o apelo à conversão daqueles que ouvem Jesus.

Na ação gratuita de Deus tem um chamado claro à penitência: “cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,15). Dentro da compreensão tradicional, a mensagem de Jesus nos Evangelhos costuma-se realizar em um elo entre a sua pregação da iminente, todavia, futura chegada do Reino de Deus mediante o arrependimento que é provocado por uma mudança comportamental no presente (Mc 1,15; Mt 4,17)³⁰. Vale dizer, similarmente, que a manifestação escatológica do Reino, dá-se por sinais (curas, milagres, exorcismos) que Jesus exerce.

Por meio da autoridade de Jesus (*exousia*), Ele apresenta-se como um “salvador escatológico enviado pelo Pai”³¹. Jesus é também “um profeta apocalíptico, empenhado em situar os homens ante o grande mistério do Reino de Deus que supera os caminhos de morte da história”³². Ao aprofundar tal perspectiva, Nocke³³ mostra como Jesus vê o Reino de Deus: 1) a proximidade de Deus que acolhe, reconcilia e reergue o homem; 2) a cura e a libertação do ser humano de tudo o que o aflige; 3) a possibilidade de gerar um novo relacionamento com e entre as pessoas; 4) a oferta de plenitude para a vida; e 5) a libertação do domínio da morte. É importante frisar que o Reino conjuga o presente (já) e o futuro (ainda não) mesclando as antigas promessas e esperanças de um povo eleito, em Cristo.

³⁰ AUNE, D. E., Early Christian Eschatology, p. 2619.

³¹ OLIVEIRA, R. A., Escatologia cristã e práxis, p. 266.

³² PIKAZA, X., A figura de Jesus, p. 41 *apud* OLIVEIRA, R. A., Escatologia cristã e práxis, p. 266.

³³ NOCKE, F. -J., Escatologia, p. 346.

Por sua vez, a escatologia paulina³⁴ abastece-se de um ponto de vista do mundo apocalíptico que ganha uma estrutura de pensamento expresso nas cartas. Esta disposição é perceptível em 1Ts 1,9 na qual alguns temas (parusia, ressurreição, julgamento) são entrelaçados. Tal orientação apocalíptica tem algumas características: 1) dualismo escatológico (tempo atual e nova era); 2) escatologia cósmica; e 3) a crença do fim iminente. É bom ressaltar que Paulo é o único escritor neotestamentário que trata da visão de juízo final de Deus, levando em conta “a inevitável mescla de características positivas e negativas da atuação do homem”³⁵. No que diz respeito ao dualismo³⁶, pensa-se em termos futuros, da vinda de Cristo e do seu Reino, como enunciado; e, igualmente, reflete-se no presente aquilo que o cristão precisa para encontrar-se com Cristo no desafio da vida concreta. Tal dualismo³⁷ pode ser uma continuidade do pensamento apocalíptico judaico em que Paulo mantém, contrastando o presente com o futuro (Gl 1,4; Rm 8,18; 1Cor 7,26; Ef 5,16).

Em vista disto, a vinculação dos cristãos com o mundo e sua conduta nele são determinadas a partir da nova existência “*ἐν Χριστῷ/em Cristo*” (Gl 5,22)³⁸. A fim de situar a escatologia paulina, convém perceber que no ensinamento de Paulo há os seguintes elementos³⁹: 1) o contexto escatológico em meio a literatura apocalíptica judaica; 2) a contingência de cartas sobre o assunto; 3) o seu conteúdo; a relação com a sua cristologia; 4) o vínculo com a conduta cristã; 5) a influência do misticismo judaico; e

³⁴ AUNE, D. E., *Early Christian Eschatology*, p. 2620.

³⁵ LUIS SEGUNDO, J., *A história Perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, p. 587-588.

³⁶ NOCKE, F. -J., *Escatologia*, p. 348.

³⁷ AUNE, D. E., *Early Christian Eschatology*, p. 2620-2621.

³⁸ SCHNELLE, U., *Paulo*, p. 749.

³⁹ KREITZER, L. J., *Escatologia*, p. 459.

6) a dinâmica social no contexto de Paulo. Isto posto, para ele, a ressurreição é já o novo começo (1Cor 15,20-23). Além do mais, a ressurreição de Jesus é um acontecimento do passado, porém, determinante e definitivo no presente, decidindo um futuro⁴⁰.

Na medida em que há a aproximação do Reino para Paulo, acontece também o acercamento do juízo⁴¹. Ao recordar que só há um juiz, que é o item distintivo da teologia neotestamentária como um todo, mostra-se o seguinte: o futuro pertence àquele mundo anunciado do Reino e a prática de Jesus em sua vida terrena; e pela mesma pregação e pelo modo de vida desse juízo é baseado o critério de julgamento futuro. Ainda no tocante ao julgamento, Paulo resgata e adapta uma expressão⁴² conhecida nos profetas “Dia do Senhor” (Am 5,18-20; Sf 1,14-16; Jl 2,2) e a torna como “Dia de Jesus Cristo” (1Cor 1,8; Fl 1,6). Na verdade, a expectativa da parusia é o importante item de entendimento do Dia do Senhor (1Cor 15,23; 1Ts 2,19 3,13; 4,15; 5,23; 2Ts 2,18).

Há, também, um questionamento⁴³ sobre a expectativa real de Paulo sobre a vinda do Reino messiânico. Aune⁴⁴, igualmente, enumera sete pontos sobre tal fato: 1) a iminente e inesperada parusia (1Ts 5,1-4); 2) a ressurreição dos fiéis falecidos e a transformação dos crentes que estão ainda vivos (1Ts 4,16); 3) o julgamento messiânico presidido por Cristo (2Cor 5,6) ou por Deus (Rm 14,10); 4) o amanhecer do Reino messiânico; 5) transformação da natureza (Rm 8,19) e conflito com os poderes angélicos (Rm 16,20) até a morte do mal e sua conquista; 6) o fim do Reino messiânico; e 7) a

⁴⁰ SCHNELLE, U., Paulo, p. 744.

⁴¹ NOCKE, F. -J., Escatologia, p. 349.

⁴² AUNE, D. E., Early Christian Eschatology, p. 2620.

⁴³ Ibid, p. 2621.

⁴⁴ Ibid.

ressurreição geral (1Cor 6,3), seguida do julgamento sobre todos e sobre os anjos decaídos.

Por fim, na visão geral do NT, o valor dos dons do Espírito Santo é, similarmente, um elemento importante dentro da escatologia neotestamentária. Hörster⁴⁵ salienta sete passagens que ilustram isto: Rm 12,3-8; 1Cor 1,6; 12; 14; 1Pd 4,10; 1Tm 4,14 e 2Tm 1,6. Ressalta-se, também, o dom que vem pela imposição das mãos e a expressão do tempo novo na vivência dos carismas na comunidade. Por outro lado, de forma mais específica, a adição do termo *eschatos* (Hb 1,2; 1Pd 1,20 1Jo 1,18) mostra ser um marco na concepção de um futuro escatológico que mescla o senso cristológico e uma escatologia presente⁴⁶.

2. O VALOR DE “ΤΕΛΟΣ/*FIM*” NA ESCATOLOGIA

O verbete “τελος/*fim*” é compreendido, nos textos neotestamentários em geral, como algo que remete à consumação das promessas divinas em Jesus Cristo. A palavra em grego “ἔσχατος/*último*”, também, associa-se frequentemente ao termo “fim”. Esse vocábulo ganha destaque por endereçar, em um primeiro momento, ao fim do mundo ou ao término das coisas. Percebe-se, ainda, que a escatologia é associada à esperança, modificando o pensar e o agir do cristão no presente, bem como interferindo no próprio destino daquele que tem fé. De acordo com Lima⁴⁷, apesar de escatologia denotar o último, o fim ou aquilo que está na extremidade, tem a sua utilização, pela primeira vez,

⁴⁵ HÖRSTER, G., Teologia do Novo Testamento, p. 198-200.

⁴⁶ BAUMGARTEN, J., ἔσχατος, p. 1614.

⁴⁷ LIMA, M. L. C., Escatologia profética, p. 21.

no conteúdo da dogmática cristã, dentro do campo teológico dos Novíssimos, de acordo com o estudioso G. Bretschneider, dispondo, assim em diante, em um discurso lógico e estruturado ou ensino das últimas coisas do termo da fé, sendo aplicado nos estudos do AT e NT.

Ao longo do tempo, “τελος/*fin*” recebe determinados sentidos. Para os gregos⁴⁸ (Aesch.; Suppl. 62,4; Ditt., S. 11. II 793,7; Plat. Leg. 6,772c; Plat. Resp. 7,532b) há um significado de cumprimento, execução de deliberação, algo realizado, e até um bem absoluto. De uma forma geral, constitui-se na parte final de um processo, uma conclusão das coisas, um objetivo o qual o movimento de tudo está direcionado⁴⁹. Como ocorre no NT, a palavra τελος aponta para uma fé em Cristo e na salvação escatológica (1Pd 1,5). Como informa Verbrugge⁵⁰, em Aristóteles o termo ganha um significado de conclusão de um caminho lógico de pensamento. Para os clássicos, ainda, “ἔσχατος/*último*” denota o oposto a “πρωτος/*primeiro*”.

Na dinâmica escatológica da carta petrina, que interfere diretamente na ética da comunidade, o sofrimento, tanto pelo aspecto comunitário como do ponto de vista individual, ganha alguns significados⁵¹: 1) o sofrimento está dentro do limite do plano de Deus (1Pd 1,1-3; 4,19); e 2) tem seus propósitos, a saber: produzir uma fé genuína (1Pd 1,7), indicar a presença real de Deus, habilitar o cristão ao Espírito de Deus e da glória, gerar alegria (1Pd 4,13) e possibilitar a participação no sofrimento de Cristo (1Pd 1,10-12; 4,13). É perceptível uma relação entre a vida nova no presente destinada aos que vivem a

⁴⁸ DELLING, G., τελος, P. 952-953.

⁴⁹ DANKER, F. W., A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Christian Literature, p. 887-888.

⁵⁰ VERBRUGGE, V. D., Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 230.

⁵¹ SKAGGS, R., The problem of suffering, p. 4.

fé no ressuscitado e que são chamados a fazer a vontade de Deus (1Pd 4,2), lembrando de que o fim está próximo (1Pd 4,7) e que é necessário a boa utilização dos bens espirituais que vem do Espírito Santo (1Pd 4,10-11), segundo Trimaille⁵². A vida, segundo estas características, faz do cristão aquele que identifica e exercita o dom que recebeu do Espírito para sua santificação. Todavia, para o crescimento da comunidade, os dons articulam na vida cristã com relação ao próximo: a pregação e o serviço⁵³.

2.1. A espiritualidade do viver cristão em vista do

“τέλος/ *fim*” em 1Pd 4,7

Dentro de um contexto de êxito, de implementação, de um destino final e até do cessar de toda a vida (1Pd 4,7), o fim é o advento da salvação plena. Desta forma, é importante compreender que, a palavra escatologia enquanto tal, tem seu significado como fruto de um processo de construção da escatologia judaica desde o séc. II a.C., causando, no cristianismo primitivo, um forte vestígio. A atuação de Jesus transforma a antiga concepção escatológica em uma outra dinâmica, combinando o presente e o futuro (já-ainda não). Em vista disso, proporciona-se, já no presente, uma vida nova, com uma perspectiva universal.

A espiritualidade da vida nova cristã precisa ser um adequar-se à vida de Cristo, por ser Ele o messias que abre a possibilidade, na dimensão do Reino de Deus, para uma conduta nova, no amor, à espera da consumação futura. Nesta relação, a escatologia da

⁵² TRIMAILLE, M., As epístolas católicas, p. 286.

⁵³ BLOMBERG, C. L., Introdução aos Atos e Apocalipse, p. 596.

1Pd está envolvida diretamente com alguns elementos que guiam o viver cristão, tais como: a esperança, o sofrimento e a ética, formatando um caminho de discipulado que é expresso na configuração ao Senhor Jesus. A perspectiva contribui na compreensão do habitar em meio às adversidades, sem perder a esperança, porque os cristãos precisam acreditar em Deus por ser Ele o único capaz de aliviar tal sofrimento, quando do seu acontecimento, bem como propiciar a salvação.

Nessa visão, 1Pd 4,7 encontra-se na seção principal da carta (1Pd 1,3–4,11) à qual contém diversas alusões ao batismo, mostrando a viabilidade aos cristãos de serem pessoas que, ao terem adentrado ao cristianismo, mesmo enfrentando dificuldades, são convocados a viver o presente com uma fé no futuro. Baseado naquilo que celebram, ou seja, na ressurreição de Jesus como fundamento de suas vidas novas, eles possuem à vista um tempo futuro o qual o curso da história será modificado de tal forma, realizando uma transformação inteiramente nova da realidade⁵⁴, conforme a esperança do retorno do Senhor.

O viver cristão na atualidade não se distancia, em suas adversidades, ao que se percebe no escrito petrino, respeitando as características do tempo. Apesar da complexidade dos tempos pós-modernos, as tecnologias, os projetos humanos econômico-sociais que provocam um desencantar-se do mundo; o ideal da secularização, a intolerância religiosa e a atenuação da vivência cristã são elementos⁵⁵ que precisam ser colocados na discussão por influenciar a vida das pessoas. Ademais, constitui-se uma

⁵⁴ PETERSON, D. L., *Eschatology*, p. 2.581.

⁵⁵ SOUZA AGUIAR, C. E., *La sacralité numérique et la mystique de la technologie*, p. 98.

crise na contemporaneidade⁵⁶ determinada pela globalização e pela quebra de paradigmas (valores, ideologias), gerando um grande debate sobre a conduta cristã por estar voltada ao “τέλος/ *fim*”.

Deste quadro temporal presente, percebe-se “uma maior sensibilidade das pessoas por uma busca de Deus, por uma experiência religiosa”⁵⁷. Por outro lado, o tempo presente marca a vida dos cristãos porque a era atual é fruto do surgimento da ciência, da técnica como elemento central de compreensão e de experiência frente ao mundo⁵⁸. No entanto, a caridade consiste no elemento essencial da conduta cristã no qual se impõe como um imperativo de amor ao próximo⁵⁹. Como o cristão não se restringe ao seu presente, mas está voltado ao futuro, ele carrega a expectativa da manifestação dos mistérios últimos de forma plena⁶⁰.

Ao denominar o “τέλος/ *fim*” da vida cristã, fala-se, primeiramente, de um princípio. O batismo, além da incorporação formal na comunidade, apresenta ao fiel um caminho que passa pelo anúncio sobre Deus⁶¹. Para a chegada do anúncio, acontece uma superação de um abismo entre o homem e Deus que é transposto pelo próprio Deus⁶². Ele vem, manifesta-se e propõe uma jornada que exige uma resposta completa com toda a expressão da vida pessoal. A vinda de Jesus é já uma libertação, sua existência já

⁵⁶ CORREIA JÚNIOR, J. L.; RONSI, F. Q., A permanência da mística na contemporaneidade, p. 237.

⁵⁷ RAMALHO, R. M., Comunicar-se com Deus e comunicar Deus, p. 148.

⁵⁸ OLIVEIRA, M. A., A religião na sociedade urbana e pluralista, p. 297.

⁵⁹ LEWIS, C. S., Cristianismo puro e simples, p. 113-152.

⁶⁰ BINGEN, H., The ways of the Lord, p. 118.

⁶¹ RATZINGER, J., Dogma e anúncio, p. 81.

⁶² LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., Escatologia cristã, p. 187.

demonstra seu poder que é manifestada na comunicação de um encontro profundo e fecundo, do eu e Tu⁶³.

O ser humano faz um percurso que sai de uma estrutura linear pré-moderna, como apontam Libânio e Bingemer⁶⁴, com elementos definidos, mas, também, separados (céu-terra, alma imortal-corpo mortal; ressurreição e fim dos tempos), passando pelo entendimento evolucionista no qual a pessoa imprime um movimento de ascensão pelo progresso em todas as áreas do saber, mediante a sua liberdade de consciência. Porém, desde a era apostólica, a mentalidade da vida cristã carrega uma esperança: o iminente retorno de Jesus, um momento futuro de alegria plena.

O cristão, por estar neste íterim escatológico, entre a ressurreição do Senhor e a sua vinda definitiva, dispõe, em seu caminho existencial, dentro do seu discernimento, do conhecimento e da vontade, um agir que expressa a novidade à qual ele é exposto. Lewis⁶⁵ levanta um questionamento pertinente sobre o fato do fiel ser chamado a aperfeiçoar as suas ações e relações por ser uma criatura nova, frente à expectativa de que a novidade cria uma vida diferente melhor do que antes do batismo. Ademais, a conduta presente tem um formato atual por estar direcionada ao futuro escatológico.

No aspecto da conduta humana cristã, o discípulo é um sujeito que interage com o mundo e com os outros. Para além do mundo tecnicista contemporâneo, o cristão tem o desejo de não alterar o real significado da vida, de compreender a existência humana, sua história e sociedade. Isto porque, de acordo com Oliveira⁶⁶, além dos fatores anteriores,

⁶³ RATZINGER, J., Dogma e anúncio, p. 91.

⁶⁴ LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., Escatologia cristã, p. 192-193.214.

⁶⁵ LEWIS, C. S., Cristianismo puro e simples, p. 274-277.

⁶⁶ OLIVEIRA, M. A., A religião na sociedade urbana e pluralista, p. 298-301.

pode ocorrer uma visão diferente do destino da própria pessoa, incluindo uma autodestruição da sua existência, sendo um tipo de fim distinto do desígnio divino. No entanto, “τελος/ *fim*” da história humana é a parusia⁶⁷, por iniciativa divina, mesmo que o homem tente planejar ou manipular outro objetivo, alterando o seu futuro em Deus⁶⁸.

O ser humano depara-se com o indicativo do imperativo diante de Jesus que manifesta a vida, o amor e a fraternidade, concebendo a possibilidade dos batizados serem filhos de Deus. Como corrobora Ratzinger⁶⁹, é a partir da fé em Cristo que o Filho de Deus, ao mesmo tempo, é o projeto do ser humano e é a síntese de todos os projetos humanos. A espiritualidade, desta forma, é uma maneira de fazer, de um localizar-se na exigência exposta⁷⁰ por Cristo, na resposta pessoal de vida, por meio de uma mística que auxilia a enfrentar e viver a complexidade do tempo, fazendo assim uma experiência no seu tempo histórico de uma linguagem de viver que é baseada na configuração a Jesus.

Assim, o olhar de futuro não descarta ou não aliena o presente daquele que é chamado ao caminho do encontro com o Senhor Deus pelo batismo. A experiência religiosa em seu compósito traz uma experiência mística que remete a pessoa ao sagrado que se “caracteriza pela certeza de uma anulação da distância”⁷¹ entre Deus e a pessoa. O ponto central da experiência mística cristã é a realidade divina que Cristo manifesta⁷² e proporciona através do Evangelho, indicando a realidade do Reino de Deus.

⁶⁷ LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L., Escatologia cristã, p. 217.

⁶⁸ OLIVEIRA, M. A., A religião na sociedade urbana e pluralista, p. 304.

⁶⁹ RATZINGER, J., Dogma e anúncio, p. 212.

⁷⁰ MERINO BEAS, P.; MEJÍA CORREA, I., La mística y la espiritualidad como principios pensadores dinamizadores da teología y pastoral latinoamericanas, p. 100.

⁷¹ LIMA VAZ, H. C., A experiência mística e filosófica na tradição ocidental, p. 15.

⁷² MARIANI, C. B., Mística e teologia, p. 361.

2.2. A mística na conduta cristã em 1Pd 4,7

Como a conduta cristã contempla uma mística, há a orientação sobre a verdade que é Deus, o mistério de *Deus absconditus* que se revela⁷³. Tal revelação apresenta uma missão que é compartilhada entre Jesus e os filhos de Deus, seus colaboradores. Essa presença divina no cerne da vida cristã é contemplada de adversidades, dificuldades, males e perseguições⁷⁴. Esta relação vai além de esquemas metodológicos propostos pelas ciências, mas está no núcleo da vida cristã⁷⁵, sendo a conduta cristã uma experiência mística no hoje voltada ao “τελος/*fim*” da vida definitiva do ressuscitado. Esta conduta, vista dentro de uma experiência mística, é a maneira consciente, intensa e profunda de uma relação interpessoal que passa pelo conhecimento e pelo amor em Jesus⁷⁶.

A mística presente na conduta cristã está voltada agora para o mistério divino⁷⁷ que se revela no hoje, mas que projeta o cristão ao futuro da salvação, fazendo-o agir, aproximar-se do mistério, tornando aquilo mais disponível à vivência do que é indicado a viver: o amor e a santidade no momento histórico. A revelação salvadora na realidade histórica age no “καιρός/*tempo*”, um tempo da graça, que reivindica da pessoa uma resposta, um agir, enfim, uma conduta, por ser, já, a antecipação do “τελος/*fim*”, daquilo que é definitivo⁷⁸. É desta forma que a experiência mística, por sua vez, torna-se uma

⁷³ MARIANI, C. B., *Mística e Teologia*, p. 372.

⁷⁴ CORREIA JÚNIOR, J. L.; RONSI, F. Q., *A permanência da mística na contemporaneidade*, p. 245-246.

⁷⁵ LIMA VAZ, H. C., *A experiência mística e filosófica na tradição ocidental*, p. 26.

⁷⁶ ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, p. 156.

⁷⁷ MERINO BEAS, P.; MEJÍA CORREA, I., *La mística y la espiritualidad como principios pensadores dinamizadores da teología y pastoral latinoamericanas*, p. 92.

⁷⁸ RUIZ ARENAS, O., *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 64.

experiência intensa de união entre o eu-Deus⁷⁹, em que o próprio Deus é uma realidade pessoal. É, ainda, uma acentuada intimidade com o próprio Deus que é verificada na história existencial da pessoa que se manifesta no seu próprio agir⁸⁰.

O termo *mística*⁸¹, de origem grega, tendo sido adotado pela teologia cristã (séc. III, Alexandria–Egito), parece congregar os verbos *μυω* (penetrar no mistério sem revelá-lo) e *μυει* (o início da vivência dos mistérios). Sem dúvida, a partir de Cristo, como mediador absoluto⁸², possibilitado por meio da sua paixão, morte e ressurreição, a encarnação da realidade da salvação é para o presente, o caminho do homem feito dentro desta perspectiva de consumação e de plenitude no agora, mas ainda não. Visto que a ação parte de Cristo, a experiência mística do cristão consiste em uma ação antropológica, a partir dos elementos da fé, apreendidos em sua consciência, tendo, assim, a sua originalidade⁸³. Dentro desta relação humano-divina, a mística tem traços concretos e divinos na expressão do ser humano, uma vez que o encontro com Cristo, a manifestação histórica da experiência de Jesus, provoca uma conduta e uma moral, com base na nova lei da graça na vida cristã⁸⁴.

Do nascer em Cristo, pelo batismo, até o morrer, o cristão traça um viver marcado pela grande novidade que se dá na ressurreição de Jesus, sendo “o começo do futuro definitivo do mundo”⁸⁵. Na verdade, a mística cristã é uma repercussão da mística de

⁷⁹ BORDIN, L., *A mística como verdadeira essência do cristianismo*, p. 149.

⁸⁰ ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, p. 155.

⁸¹ FRIES, H., *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*, vol. III, p. 322-323 *apud* CORREIA JÚNIOR, J. L.; RONSI, F. Q., *A permanência da mística na contemporaneidade*, p. 238.

⁸² RUIZ ARENAS, O., *Jesus, epifania do amor do Pai*, p. 18.

⁸³ LIMA VAZ, H. C., *A experiência mística e filosófica na tradição ocidental*, p. 22.

⁸⁴ ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, p. 155-156.

⁸⁵ RATZINGER, J., *Dogma e anúncio*, p. 99.

Jesus Cristo⁸⁶. Sendo Ele o modelo da espiritualidade cristã, ocorre a implicação na vida pessoal que cria um envolvimento entre Aquele que se manifesta e que gera as condições para uma intimidade na qual Cristo mesmo exprime o seu amor e sua misericórdia, necessitando serem vividos por aquele que recebe tal expressão divina. Em virtude disso, a relação com Deus provoca um viver na obrigação moral porque Ele é a plenitude dos valores⁸⁷.

A mística escatológica da 1Pd envolve alguns elementos que norteiam o viver cristão, a saber: a esperança, o sofrimento e a ética, em um caminho de discipulado que se expressa na configuração ao Senhor Jesus, reconhecido como messias. Segundo Schnelle⁸⁸, o tema escatológico da carta é a esperança em meio ao sofrimento. Uma esperança que é baseada na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1Pd 1,3.13.21) e que fundamenta a mística cristã. Além do mais, a própria escatologia em 1Pd não é um assunto autônomo e desconexo dentro de uma estrutura epistolar, mas é uma temática que se articula com outros argumentos no escrito, comportando-se como uma premissa⁸⁹. Talvez, isso faça sentido devido tal escatologia ser marcada pela apocalíptica e não ser simplesmente um gênero literário, um movimento ou um pensamento, porém uma “perspectiva religiosa”⁹⁰ de expressão petrina.

Essa perspectiva contribui na compreensão de uma mística encarnada do viver em meio às dificuldades e até de expressões de sofrimento, sem perder a esperança da fé de

⁸⁶ CORREIA JÚNIOR, J. L.; RONSÍ, F. Q., A permanência da mística na contemporaneidade, p. 244.

⁸⁷ RATZINGER, J., Dogma e anúncio, p. 100.

⁸⁸ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 800.

⁸⁹ HÖRSTER, G., Teologia do Novo Testamento, p. 290.

⁹⁰ HANSON, P. D., Apocalypse, genre; Apocalypticism, p. 20 *apud* SOARES, D. O., A literatura apocalíptica, p. 104.

que os discípulos precisam acreditar em Deus⁹¹. Ao corroborar com essa visão, 1Pd 4,7 encontra-se na seção principal da carta (1Pd 1,3–4,11) a qual contém diversas alusões ao batismo⁹², indicando uma possibilidade de serem pessoas que, ao adentrarem para a comunidade, ao cristianismo, passam por dificuldades, atrapalhando o viver presente e a visão de fé no futuro com base naquilo que celebram no hoje, ou seja, na ressurreição de Jesus que precisa ser fundamento de suas vidas novas.

A carta de uma maneira geral tem traços parenéticos em seu conteúdo. Essas particularidades, de origem judaico-helenística, possuem a função de suscitar uma vida prática a partir dos ensinamentos de quem deseja escrever⁹³. Ao ter em vista que com uma inquietação sobre a vivência da doutrina cristã que visa motivar a conduta dos fiéis, a perícopes 1Pd 4,7-11, localiza-se na terceira parte do corpo da carta, com um outro provável tema: sofrimento responsável diante da hostilidade⁹⁴. É interessante, também, saber as suas possíveis denominações segundo alguns exegetas: “o fim está próximo”⁹⁵; “os cristãos vistos como indivíduos carismáticos na situação escatológica”⁹⁶; “o comportamento fraterno”⁹⁷; “novo apelo à caridade na comunidade”⁹⁸; “a vida da comunidade cristã”⁹⁹; “servir aos seguidores na fidelidade”¹⁰⁰; “vivendo a vitória de Cristo na comunidade cristã”¹⁰¹; “mantendo a solidariedade dos administradores domésticos de

⁹¹ SKAGGS, R., *The problem of suffering*, p. 1.

⁹² THEVISSEN, G., 1 Pd, p. 18.

⁹³ SILVA, C. M. D., *Metodologia de exegese bíblica*, p. 211.

⁹⁴ BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, vol. 2, p. 755-756.

⁹⁵ BRAY, G.; ODEN, C. T. (Edts.), *Santiago, 1-2 Pedro, 1-3 Juan, Judas*, p. 165.

⁹⁶ SCHRAGE, W., *La prima lettera de Pietro*, p. 197.

⁹⁷ PÉREZ MILLOS, S., 1ª. y 2ª. Pedro, p. 69.

⁹⁸ SCHLOSSER, J., *A primeira epístola de Pedro*, p. 534.

⁹⁹ MARSHALL, I. H., 1 Peter, p. 21.

¹⁰⁰ KEENER, C. S., 1 Peter, p. 94.

¹⁰¹ JOBES, K. H., 1 Pedro, p. 62.

Deus para sua glória”¹⁰²; “a vida cristã e a parusia”¹⁰³; e “a chamada a todos os leitores para a conduta certa dentro do segmento”¹⁰⁴.

Por fim, o gênero epístola consiste em uma maneira comum de comunicar na antiguidade e que o cristianismo primitivo assimila tal forma desde muito cedo¹⁰⁵, sendo testemunhado nas próprias cartas paulinas, nas católicas, naquelas dos Atos dos Apóstolos e nas do Apocalipse¹⁰⁶. A 1Pd está na lista das epístolas católicas que “são distinguidas pelo nome do escritor a quem são atribuídas textual ou tradicionalmente e não pelo nome dos destinatários”¹⁰⁷. Em vista disto, cabe dizer que, o conteúdo das cartas baseado nas estruturas das greco-romanas, caracteriza-se, basicamente, por dois elementos: as fórmulas uniformizadas e uma retórica epistolar, tendo uma estrutura tripartite: introdução, corpo e conclusão¹⁰⁸.

3. UMA EXPRESSÃO SÍNTESE DA VIDA CRISTÃ EM 1PD 4,7

A fim de compreender melhor a mensagem escatológica de 1Pd 4,7 é importante situar, por meio do endereçamento da carta, a quem ela tem de chegar. Como consta no princípio da epístola, ela parece ser destinada a fiéis que estão espalhados na Ásia Menor, pessoas advindas do paganismo, recém-convertidos¹⁰⁹. Estas pessoas estão padecendo em

¹⁰² ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 82.

¹⁰³ DALTON, W. J., Primeira epístola de Pedro, p. 657.

¹⁰⁴ ACHEMEIER, P. J., 1 Peter, p. 74.

¹⁰⁵ AUNE, D. E., New Testament in its literary environment. Philadelphia: Westminster Press, 1987 *apud* NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R. Epistolografia Paulina, p. 584.

¹⁰⁶ NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R., Epistolografia Paulina, p. 584.

¹⁰⁷ GONZAGA, W., As cartas católicas no Cânon do Novo Testamento, p. 427.

¹⁰⁸ NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R., Epistolografia Paulina, p. 586.

¹⁰⁹ VADILLO ROMERO, E., Breve síntesis académica de teología, p. 96.

tribulações, talvez por formarem um grupo minoritário e de vida modesta, pessoas humildes¹¹⁰ que exercem funções de criadagem e que, por serem cristãos, estão com dificuldades além de outros tipos de opressão. Além do mais, frente à realidade impositiva, os fiéis não podem perder sua esperança e por isso, ocorre o realce na vocação cristã de terem recebido o “οἶκος/*lar*” de Deus e o “valor positivo de partilhar da paixão de Cristo através da perseguição”¹¹¹.

A ressurreição de Jesus é o marco no entendimento escatológico porque Jesus com sua paixão, morte e ressurreição extraiu os fiéis da futilidade e transitoriedade da existência humana, como destaca Schnelle¹¹². Ele, também, diz que a esperança justifica-se como o princípio vital da pessoa renovada, projetando-a para uma herança incorruptível. No entanto, para alcançar tal prêmio, é preciso passar pelas tribulações, aceitando-as de bom agrado e paciência. Em virtude disto, emerge a expressão petrina “πάντων δὲ τὸ τέλος ἤγγικεν/*o fim de todas as coisas aproxima*” (1Pd 4,7) em que a ética cristã tem um olhar esperançoso a partir desta frase, gerando um novo olhar para a vida: a espera da restauração/salvação, que é iminente, soando como uma forma de viver nova, apoiada na perseverança de uma esperança que não falha por estar regida pela fé na ressurreição. Pois, a esperança torna-se um conceito chave para Pedro¹¹³.

Em vista disto, a escatologia petrina parece articular dois elementos, basicamente colocados: o sofrimento e a esperança. Segundo é argumentado, o verbete “πάσχω/*sofrer*” é visto em 21 atestações e que, por conta deste número de ocorrências,

¹¹⁰ TRIMAILLE, M., As epístolas católicas, p. 272.

¹¹¹ DALTON, W. J., Primeira epístola de Pedro, p. 656.

¹¹² SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 801.

¹¹³ HÖRSTER, G., Teologia do Novo Testamento, p. 290.

1Pd pode ser chamada de “epístola do sofrimento”¹¹⁴. Isto porque há uma relação entre o verbo e o substantivo correspondente “πάθημα/*sofrimento*” que assinalam a paixão e morte de Cristo, justapondo e interligando Cristo aos cristãos¹¹⁵. Contudo, a carta carrega, de uma maneira geral, pela iminência do fim, na esperança da nova realidade que há de vir, a possibilidade do fiel configurar-se ao Cristo ressuscitado em seus sofrimentos no presente, porque são bem-aventurados os que sofrem injúrias por causa do nome de Cristo (1Pd 4,14), ademais, dado que Ele é capaz de salvar aquele que crê.

O termo “τέλος/*fim*” é tratado em 1Pd 4,7 como iminente e que já é fruto de julgamento. A ética cristã no presente tem que inserir o amor, o apoio mútuo ao serviço (1Pd 4,8-11), mesmo que, ao seu redor, reine a hostilidade e as tribulações¹¹⁶. A iminência do fim parece englobar todas as coisas, ao fim da própria era¹¹⁷. O verbete “τέλος/*fim*” carrega, ainda, em seu significado as seguintes possibilidades: a última parte do processo; um resultado; o fim de uma duração; a cessação (Lc 1,33; Hb 7,3; 2Cor 3,13; Rm 10, 4; 1Pd 4,7)¹¹⁸. Além do mais, ele possui um sentido de êxito (Mt 26,58; Tg 5,11), de referir-se com a expressão “των αιωνων/*dos séculos*”, sendo o objetivo do resultado final (1Pd 1,9; Hb 5,9) e relacionando-se com o destino final¹¹⁹. Percebe-se um esquema interessante na perícope (1Pd 4,7-11) que sintetiza aquilo que é exposto: o significado do tempo que se articula com o fim e a eternidade na expressão “o fim” (v.7) com “séculos dos séculos, amém” (v.11).

¹¹⁴ SKAGGS, R., The problem of suffering, p. 30.

¹¹⁵ SCHLOSSER, J., A primeira epístola de Pedro, p. 544.

¹¹⁶ BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 927.

¹¹⁷ ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 744.

¹¹⁸ DANKER, F. W., A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early christian literature, p. 887-888.

¹¹⁹ KITTEL, G., τέλος, p. 966-968.

O termo τέλος, também, tem esta conotação temporal ao relacionar-se com todas as coisas, recebendo um caráter temporal de duração que articula com um período estável (séculos dos séculos), mas que, pela escatologia, indica a passagem e consumação do tempo. Outrossim, é perceptível que o termo “fim” carrega toda uma associação de um tempo final que é visto, algumas vezes, como os “últimos dias” ou o “Dia do Senhor”. Esta associação é possível pela assimilação no cristianismo primitivo de que Deus age na história e que Jesus é o agente messiânico por excelência, impondo uma regra de vida aos que o seguem e que, similarmente, os remete ao fim da história com sua consumação ao ser, sobretudo, guiada e formatada em uma perspectiva escatológica¹²⁰.

O v.7, “Πάντων δὲ τὸ τέλος ἤγγικεν. σωφρονήσατε οὖν καὶ νήψατε εἰς προσευχὰς/*o fim de todas as coisas aproxima-se então, sede sensatos e sede sóbrios nas orações*”, parece, antes de tudo, possuir uma admoestação sóbria realizada pelo autor da carta em um tom escatológico: o fim de tudo está próximo¹²¹. É uma referência direta a toda a ordem criada (todas as coisas), em sua disposição sintática do adjetivo substantival neutro¹²². A exortação está voltada a um futuro que já é uma realidade, porque o cristão está vivendo em um intervalo da primeira vinda e da segunda vinda de Jesus (At 2,16-21; 1Cor 10,11). A sensação dada ao fiel é a proximidade desta última vinda que está iminente e, devido a isto, ele precisa viver o presente como Jesus estivesse voltando amanhã¹²³. Nesta mesma linha de pensamento, Schrage¹²⁴ aponta que este versículo condensa um testemunho de expectativa do cristianismo primitivo da parusia à

¹²⁰ ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 745.

¹²¹ SCHNACKENBURG, R., Il messaggio morale del Nuovo Testamento, p. 308.

¹²² DUBIS, M., 1 Peter, p. 139.

¹²³ LOPES, H. H., 1 Pedro, p. 150-151.

¹²⁴ SCHRAGE, W., La prima lettera de Pietro, p. 157.

qual tem a funcionalidade não de gerar desespero, mas de motivar a vivência da ética cristã (1Ts 5,1; Rm 13,1).

De acordo com Pérez Millos¹²⁵, o final de todas as coisas, informado no versículo, não indica inevitavelmente a conclusão de tudo, porém consiste em um fechamento de uma etapa na história e uma abertura ou começo para outra. Em outras palavras, o momento das adversidades está para acabar devido ao retorno de Jesus (At 3,21; Cl 3,4; 2Ts 1,10; Hb 9,28; Ap 20,11-13). Semelhante pensamento é desenvolvido por Elliot¹²⁶ ao informar que o fim escatológico é da era, do tempo de todas as coisas e não das pessoas. O fim parece indicar uma sensação, um cumprimento e uma perfeição ao estar articulado com a forma verbal “ἤγγικεν/*aproxima*”, provocando a reflexão para uma conduta cristã.

Por sua vez, destaca-se que, face às perseguições e sofrimentos, alguns na comunidade podem ter gerado sentimento de vingança¹²⁷. No entanto, o fim é próximo, o resultado da fé (salvação) está às mãos, devendo, assim, o cristão concentrar seus esforços em uma conduta cristã correta. Devido a este fato, o modo de vida padrão de abster-se do mal no presente é uma maneira de exortar o fiel a ter um comportamento atual, prevendo a chegada iminente do Senhor. Com a consumação final de todas as coisas, ao dar sentido à realidade, conta com a presença da doxologia em 1Pd 4,11, semelhante a outros exemplos (Rm 11,36; Ef 3,21; Fl 4,20; 1Tm 1,17), realçando a delimitação da perícopes em torno do fim.

¹²⁵ PÉREZ MILLOS, S., 1ª. y 2ª. Pedro, p. 396.

¹²⁶ ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 744.

¹²⁷ KEENER, C. S., 1 Peter, p. 579.

Nessa perspectiva, salienta Achtemeier¹²⁸ que todas as coisas ao passarem, ao serem transformadas em sua realidade, tratam da consumação dentro da tradição cristã escatológica. Nesta última, há 3 outros textos que se destacam: 1Ts 5,1-10 (a iminente chegada do Dia do Senhor), Rm 12,6-8 (sobre os dons) e Tg 5,7-20 (as virtudes em vista do próximo) e que são agora, como diz Mueller¹²⁹, uma forma aberta de dizer que devido ao fim repentino, o modo de vida cristão precisa levar em conta a brevidade da chegada do Reino. Neste aspecto, passa pela espiritualidade cristã o desfrute da vida futura, vivendo o novo no presente em Deus.

Por conta da brevidade do fim, a sensatez e a sobriedade nas orações formam um conjunto harmonioso para a vida cristã presente. Em virtude desse fato, a presença do tempo verbal específico, de 2 aoristos imperativos “σωφρονήσατε/*sede sensatos*” e “νήψατε/*sede sóbrios*”, indica ao fiel uma vida disciplinada baseada na oração. O agir apropriado (σωφρονήω) em várias circunstâncias opõe-se ao estado de embriaguez, tendo uma carga de vigilância requerida do fiel que precisa estar em comunhão com Deus por meio das “προσευχὰς/*orações*”. Ao aprofundar o verbo “σωφρονήω/*ser sensato*”, denota-se que ele significa uma atitude de estar sereno e com uma mente equilibrada em um estado de “νήψατε/*estar sóbrio, vigilância*”, que precisa gerar discernimento na vida presente pela brevidade da segunda vinda de Jesus¹³⁰. Contudo, os 2 imperativos, como salientam Jobes¹³¹ e Achtemeier¹³², formam uma hendíades¹³³ e

¹²⁸ ACHEMEIER, P. J., 1 Peter, p. 294.

¹²⁹ MUELLER, E. R., 1 Pedro, p. 234.

¹³⁰ MUELLER, E. R., 1 Pedro, p. 235.

¹³¹ JOBES, K. H., 1 Pedro, p. 302.

¹³² ACHEMEIER, P. J., 1 Peter, p. 294.

¹³³ Uma figura retórica que usa dois termos (verbos, substantivos) coordenados por conjunção para exprimir uma ideia simples, porém, complexa. SILVA, C. M. D., Metodologia de exegese bíblica, p. 315.

aquilo que se quer destacar é a postura de um autocontrole do cristão diante das adversidades e da brevidade do fim.

Tal postura de sobriedade ou autocontrole pode estar vinculada a elementos estoicos como a virtude do “σωφροσύνη/*autocontrole*” exaltada em Sócrates e Platão (Plat. Charm. 159B-176C; Xenof., Mem. 1.2.23) como uma das virtudes centrais¹³⁴. Em consonância, Elliot¹³⁵ mostra em seu discurso que a iminência do fim não pode gerar um desalento, mas clareza, tranquilidade e vigilância, uma autodisciplina e autocontrole semelhante aos que clássicos afirmam (Plat. Gorg. 491d; Dio. Chrys. Orat. 77-78). A atitude de suportar com sensatez nas orações demonstra que a confiança em Deus, consiste em uma necessidade, sendo destacada no versículo¹³⁶. Para criar, também, esta postura de vigilância, destaca-se que a vida do cristão tem como base uma espiritualidade que contribui no discernimento da vontade de Deus¹³⁷. Marshall¹³⁸ realça que o vocábulo vem no plural por, possivelmente, evocar as orações da Igreja que contribuem com o relacionamento do fiel com seus pares, mas, principalmente, com Jesus sendo o coração da experiência cristã.

Em 1Pd 4,7, igualmente, aparece o verbo “εγγιζω/*aproximar-se*” que, como explica Elliot¹³⁹, tem o sentido de estar próximo ou de aproximar-se, tanto temporalmente quanto espacialmente, estando no tempo verbal do perfeito na sentença, realçando, assim, a iminência do evento, em uma sensação de estar às mãos. Apesar de tal verbo ter outras

¹³⁴ KEENER, C. S., 1 Peter, p. 580-581.

¹³⁵ ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 748.

¹³⁶ PÉREZ MILLOS, S., 1ª. y 2ª. Pedro, p. 337.

¹³⁷ LOPES, H. H., 1 Pedro, p. 151.

¹³⁸ MARSHALL, I. H., 1 Peter, p. 121.

¹³⁹ ELLIOT, J. H., 1 Peter, p. 746-747.

ocorrências no NT (Mc 1,15; Mt 3,2; Lc 10,9.11), 1Pd 4,7 demonstra uma congruência escatológica única, por combinar os dois termos, *εγγιζω* e *τελος*, somente nesta locução na carta petrina e em todo o NT. Este tempo intermediário, por sua vez, é desfrutado a partir de um evento salvífico (morte e ressurreição de Jesus) já como um acontecimento escatológico que compreende o paradoxo coerente à vida cristã, nas palavras de Bultmann¹⁴⁰, o qual estende sua libertação do poder do pecado, porém ainda na transitoriedade do sofrer e do morrer da vida presente.

CONCLUSÃO

A espiritualidade, a mística, a esperança, o sofrimento e conduta cristã estiveram em relação direta na escatologia na 1Pd 4,7. Esta articulação de fatores fez perceber que, além de contribuir com a formação da maneira de viver do cristão, formatando-o a Jesus Cristo, o escrito contribuiu e auxiliou o fiel a viver, em meio às adversidades, sem perder o foco e o crédito Naquele que é capaz de proporcionar a salvação. Nessa visão, entre as diversas alusões ao batismo na estrutura da macronarrativa petrina, apresentou elementos para que o discípulo fosse capaz de, enfrentando dificuldades, viver o presente com uma fé em um futuro breve da consumação do mundo.

A motivação de viver, sob a égide da esperança com uma conduta cristã à espera desse resultado ou destino que trará a salvação, iluminou e clareia o cristão atualmente. Face a isto, ainda hoje, o cristão suporta as perseguições acompanhadas de diversas

¹⁴⁰ BULTMANN, R., Teologia do Novo Testamento, p. 657.

formas, além das dificuldades e adversidades, com uma esperança alegre determinada pelo modelo de viver dado que está temporalmente entre a páscoa e a parusia.

A presença do imperativo de viver com uma nova práxis da vida, leva a uma autocompreensão cristã distinta frente ao futuro (ainda não) e àquilo que enfrentam na vida presente (já). O cristão precisa viver a fé convertida em esperança, com liberdade interior e dando razões para esta esperança, mediante a busca de santidade no presente em vista de um futuro. Na perspectiva escatológica petrina, o imperativo da vida nova parte da vivência como batizado, a imersão que afasta aquele da vida do pecado, tendo a expectativa de poder provar, em vida, da bondade do Senhor. Sob a perspectiva da esperança escatológica e da vida cristã, o discípulo não está abandonado por Deus ou esquecido por seu agente da salvação, Jesus Cristo. O cristão vive a dimensão do “já” e “ainda não”, entre a ressurreição de Cristo e a futura ressurreição geral com a segunda vinda do Senhor.

Desta forma, viu-se que a esperança recai sobre o presente, porque após a ressurreição de Jesus, que agiu como um salvador escatológico enviado pelo Pai, trouxe uma nova realidade, transformando o batizado em uma nova criatura. Como consequência, a escatologia, além de ser uma esperança, foi um grande elemento na formulação da vida moral cristã, remetendo os fiéis a uma vida presente engajada na fraternidade e na solidariedade, segundo, igualmente, a carta petrina informa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHTEMEIER, P. J. 1 Peter: A Commentary on First Peter. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Minneapolis (USA): Fortress Press, 1996.

AUNE, D. E. Early Christian Eschatology. In: FREEDMAN, D. F. (Edt.) The Anchor Bible Dictionary. New York: Doubleday, 1992, p.2608-2629.

BAUMGARTEN, J. ΕΣΧΑΤΟΣ. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (Edts.) Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento. Vol. I. Biblioteca de Estudios Biblicos. N. 90. Salamanca (España): Ediciones Sígueme, 1996, p.1607-1616.

BINGEN, H. The ways of the Lord.^{1st} ed. New York (USA): Harper One, 2005.

BLOMBERG, C. L. Introdução de Atos e Apocalipse: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BORDIN, L. A Mística como a verdadeira a essência do cristianismo. Revista Observatório da Religião. V.1. n. 1, jan/jun, p. 146-159, 2014.

BORING, M. E. Introdução ao Novo Testamento. História, literatura e teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos joaninos. Vol. 2. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BRAY, G.; ODEN, C. T. (Edts.) Santiago, 1-2 Pedro, 1-3 Juan, Judas. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Nuevo Testamento. Vol. 11. Madrid (España): Ciudad Nueva, 2002.

BRUEGGEMANN, W. Teologia do Antigo Testamento. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

CORREIA JÚNIOR, J. L.; RONSI, F. Q., A permanência da mística na contemporaneidade: um instigante desafio ao cristianismo. *Caminhos*, Goiânia, v.14, n.1, p. 237-249, jan./jun., 2016.

DALTON, W. J. Primeira epístola de Pedro. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.) *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 655-665.

DANKER, F. W. (Edt.) *Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*. 4th edition. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2021.

DUBIS, M. *1 Peter: A Handbook on the Greek Text*. Texas (USA): Baylor University Press, 2010.

DUNN, J. D. G. *Teologia do Novo Testamento: uma introdução*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2021.

EICHRODT, W. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELLIOT, J. H. *1 Peter: a new translate with introduction and commentary*. The Anchor Bible. Vol. 37B. New York: Doubleday, 2000.

ESPEJA, J. *Espiritualidade cristã*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

GONZAGA, W. As cartas católicas no cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 421-444, 2017. DOI: 10.20911/21768757v49n2p421/2017.

HÖRSTER, G. *Teologia do Novo Testamento*. 2^a. Ed. Curitiba (PR): Editora Evangélica Esperança, 2022.

JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. 5^a. Ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

JOBES, K. H. *1 Pedro. Comentário Exegético*. 1^a. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2022.

KEENER, C. S. 1 Peter: A Commentary. Grand Rapids (Michigan-USA): Baker Academic, 2021.

KITTEL, G. ἔσχατος. In: KITTEL, G.; FRIEDERICH, G. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Vol. 5. Brescia: Paidea, 1969, p. 995-1000.

KREITZER, L. J. Escatologia. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Orgs.) Dicionário de Paulo e suas Cartas. São Paulo: Paulus; Loyola; Vida Nova, 2008, p. 458-479.

LEWIS, C. S. Cristianismo puro e simples. 3a. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. Escatologia cristã. Série III: a libertação na história. Tomo X. Coleção teologia e libertação. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

LIMA, M. L. C. Escatologia profética: a perspectiva de Os 14,2-9. Série Acadêmica. 1ª. Ed. Rio de Janeiro (RJ): Letra Capital, 2024.

LIMA VAZ, H. C. A experiência Mística e Filosofia na tradição ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

LOPES, H. D. 1 Pedro: com os pés no vale e o coração no céu. Comentários Expositivos Hagnos, São Paulo: Hagnos, 2012.

LUIS SEGUNDO, J. A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos Sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulus, 1997.

MARIANI, C. B., Mística e Teologia: Desafios contemporâneos e contribuições. Atualidade Teológica. Ano XIII. N. 33, setembro a dezembro/2009, p. 360-380. DOI. 10.17771/PUCRio.ATeo.18285.

MARSCHALL, I. H. *et al* (Edts.) Escatologia. In: MARSCHALL, I. H. *et al* (Edts.) Dicionario biblico GBU. Chieti-Roma (Italia): Edizioni GBU, 2008, p.535-543.

MERINO BEAS, P.; MEJÍA CORREA, I., La mística y la espiritualidad como principios dinamizadores de la teología y pastoral latinoamericanas. *Anales de Teologia*. N. 18.1 (2016), p.91-110. ISSN 0717-4152.

MUELLER, E. R. 1Pedro: Introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. 5ª. Reimpressão. São Paulo: Vida Nova, 2014.

NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R. Epistolografia Paulina: origem e estrutura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n.3, p. 583-604, Set./Dez. 2016. DOI: 10.20911/21768757v48n3p583/2016.

NELIS, J. T.; LACOQUE, A. Escatologia. In: BOGAERT, P.-M. *et al*. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2013, p. 447-451.

NOCKE, F. -J. Escatologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.) Manual de Dogmática. Vol. II. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001, p. 339-426.

OLIVEIRA, M. A. A religião na sociedade urbana e pluralista. Coleção temas da atualidade. 1ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2013.

OLIVEIRA, R. A. de Escatologia cristã e práxis. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 56, n. 1, p. 263-284, Jan./Abr. 2024. DOI: 10.20911/21768757v56n1p263/2024.

PÉREZ MILLOS, S. 1ª. y 2ª. Pedro. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editora CLIE, 2019.

PETERSON, D. L. Eschatology. In: FREEDMAN, D. N. Anchor Bible Dictionnary. New York: Doubleday, 2006, p. 2581-2587.

RAMALHO, R. M. Comunicar-se com Deus e comunicar Deus: a mística da comunicação segundo a intuição de Tiago Alberione. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 3, p. 148-154, 2016.

RATZINGER, J. Dogma e anúncio. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RUIZ ARENAS, O. Jesus, epifania do amor do Pai. Textos básicos para Seminários Latino-americanos—3. 2ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SCHNACKENBURG, R. Il Messaggio morale del Nuovo Testamento. Vol. 2. I primi predicatori cristiani. Supplementi al commentario teologico del Nuovo Testamento. Brescia (Itália): Paideia Editrice, 1990.

SCHNELLE, U. Introdução à exegese do Novo Testamento. Coleção Bíblica Loyola. N. 43. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHNELLE, U. Paulo: vida e pensamento. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHRAGE, W. La Prima Lettera di Pietro. In: SCHRAGE, W.; BALZ, H. Le lettere Cattoliche. Nuovo Testamento. Vol. 10. Brescia: Paideia Editrice, 1978, p. 197-213.

SCHLOSSER, J. A Primeira Epístola de Pedro. In: MARGUERAT, D. (Org.) Novo Testamento: história, escritura e teologia. 3ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SKAGGS, R. The Problem of Suffering: a response from 1 Peter. *Academia Letters*, article 3374, august 2021. <https://doi.org/10.20935/AL3374>.

SILVA, C. M. D. Metodologia da exegese bíblica. Coleção: Bíblia e História. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOARES, D. O. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 7, n. 13, p. 99-113, 3 dez. 2008.

SOUZA AGUIAR, C. E. La sacralité numérique et la mystique de la technologie. *Sociétés*. N.139. 2018/1, p. 97-108.

STUCKENBRUCK, L. T. Messianic ideas in the Apocalyptic and related literature of early Judaism. In: PORTER, S. E. (Edt.) *The Messiah in the Old and New Testaments*. McMaster New Testament Studies. Grand Rapids Michigan-USA/Cambridge-UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007, p. 90-113.

TALMON, Sh. יָד. In: BOTTERWECK G. J.; RINGGREN, H. *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. Vol. VII, Brescia: Paideia, 2007, p. 1042-1051.

THEVISSSEN, G. 1 Pd. In: THEVISSSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSCHUTTER, B. *As Cartas de Pedro, João e Judas*. Coleção Bíblica Loyola. Vol. 7b. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15-93.

TRIMAILLE, M. *As epístolas católicas*. In: CARREZ, M.; DORNIER, P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, M. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 270-322.

VADILLO ROMERO, E. *Breve síntesis académica de teología*. Colección manuales. 2ª. Ed. Toledo (España): Instituto Teológico San Ildefonso, 2010.

VERBRUGGE, V. D. *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento: edição condensada*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. Vols. 1 e 2. 2ª. Ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia. 8ª. edição revista e ampliada. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2016.